

ENTENDENDO GÊNERO E SEXUALIDADE: UM DIÁLOGO ABERTO

Andriele Maier Gaspar¹
Welison Lima Proença²
Eliziane da Silva Dávila³

RESUMO

No Brasil, a discussão sobre gênero, sexualidade e feminismo está em constante evolução, impulsionada por movimentos sociais, ativistas e políticas públicas que valorizam a diversidade e a igualdade de direitos. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental na promoção da educação para a diversidade, no combate a estereótipos e na construção de uma cultura de respeito e inclusão. No primeiro semestre de 2024, desenvolvemos um projeto voltado para a discussão dessas temáticas com alunos do ensino fundamental de uma escola em Cacequi, como parte da disciplina de Prática enquanto Componente Curricular III do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul. A iniciativa buscou estimular o pensamento crítico dos estudantes e desnaturalizar estereótipos de gênero. O projeto foi aplicado em turmas do 6º, 7º e 8º anos, iniciando com uma dinâmica para avaliar os conhecimentos prévios dos alunos. Utilizamos um "objeto de fala" representado por ursos de pelúcia sem identificação de gênero e cartas com palavras e frases relacionadas ao tema. Os alunos compartilharam suas percepções e debateram conceitos como feminismo, bissexualidade e normas de gênero. A atividade revelou que muitos desses termos eram desconhecidos, reforçando a necessidade de sua abordagem na escola. Durante as discussões, identificamos preconceitos e discursos baseados em estereótipos, mas também momentos de reflexão e mudança de perspectiva. Referências a figuras da comunidade LGBTQIA+, como Pablio Vittar, ajudaram a contextualizar os conceitos e tornar a discussão mais acessível. A recepção dos alunos foi positiva, demonstrando abertura ao diálogo e à aprendizagem sobre diversidade. O projeto evidenciou que a escola deve ser um espaço de acolhimento e respeito, reforçando a importância de uma educação comprometida com a equidade e os direitos humanos.

Palavras-chave: Diversidade, sexualidade, gênero.

INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, a abordagem das temáticas de gênero, sexualidade e feminismo encontra-se em um processo dinâmico de transformação e consolidação. Essas questões,

1 Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha - IFFar, andrygaspar2016@email.com;

2 Graduando pelo Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Farroupilha - IFFar, welisonlima2001@gmail.com;

3 Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Docente do Instituto Federal Farroupilha - campus São Vicente do Sul - IFFar - SVS e Coordenadora de área do PIBID-SVS, RS, eliziane.davila@iffarroupilha.edu.br



IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV ENLIC SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

URP SUL | Seminário do Programa de Pós-graduação em Pedagogia

historicamente marginalizadas, têm relevância crescente no cenário sociopolítico nacional, impulsionadas por movimentos sociais organizados, pela atuação de agentes engajados e pela implementação de políticas públicas que visam promover a equidade de direitos e a valorização da diversidade.

Nesse sentido, a escola desempenha um papel central na promoção da educação para a diversidade, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e a mitigação de preconceitos, ao mesmo tempo que fomenta uma cultura baseada no respeito e na inclusão social. A incorporação transversal da perspectiva de gênero em diferentes campos do conhecimento possibilita a formação de indivíduos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, capacitando-os para atuar na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e socialmente responsável.

Apesar da relevância desses temas para a sociedade contemporânea, os documentos legais educacionais brasileiros, entre eles a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Gaúcho (RCG), apresentam poucas possibilidades para a abordagem dessas temáticas (Leite e Meirelles, 2021). Na BNCC, por exemplo, as questões de gênero são abordadas apenas no contexto da disciplina de língua portuguesa, limitando-se a discussões sobre representatividade e uso da linguagem inclusiva, sem uma abordagem ampla e interdisciplinar que permita uma compreensão mais aprofundada da temática.

“Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes **gêneros textuais** (grifo nosso) e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado à localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (Brasil, 2018)”

A abordagem dos conceitos de gênero, sexualidade e feminismo representa uma incursão profunda em temas que desafiam concepções estabelecidas sobre identidade, poder e dinâmicas sociais. Este estudo visa esclarecer as complexidades desses conceitos fundamentais, essenciais para desvelar as estruturas que configuram nossa sociedade e promover um futuro mais equitativo e justo. A instituição escolar reflete os ideais da sociedade e, em uma sociedade estrutural-historicamente desigual como a brasileira, atravessada por inúmeros preconceitos manifestados em práticas discriminatórias cotidianas, a escola não pode ser vista como uma redoma, um microssistema imune aos processos de normatização das relações de poder (Madureira e Branco, 2015).



IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV ENLIC SUL - IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

II RP SUL - Seminário do Programa de Residência Pedagógica

Gênero se distingue do sexo biológico (masculino ou feminino) ao referir-se às características sociais e culturais que prescrevem os papéis esperados para homens e mulheres em determinada sociedade. Trata-se de uma construção social fluida e diversificada, não se restringindo à concepção binária de homem/mulher. Incorpora a identidade de gênero, que diz respeito ao sentimento interno de ser homem, mulher, ambos, nenhum ou qualquer outra identidade divergente do sexo biológico. Manifesta-se por meio de performances de gênero, as quais são expressões cotidianas através das quais as pessoas demonstram sua identidade de gênero, incluindo vestimenta, comportamento, linguagem, entre outros aspectos.

A sexualidade engloba a atração sexual, romântica e emocional que uma pessoa sente por outras, podendo variar entre orientações heterossexuais, homossexuais, bissexuais, assexuais, pansexuais, entre outras identidades. Não se limita à prática sexual, abrangendo também a expressão de desejos e fantasias sexuais. A sexualidade é conceituada como um espectro diversificado, desafiando a concepção binária e heteronormativa da sexualidade e oferecendo múltiplas possibilidades de experiência e vivência.

A respeito da sexualidade, Dinis (2008, p.4) afirma que “a sexualidade é ainda um dispositivo da modernidade constituído por práticas discursivas e não-discursivas que produzem uma concepção do indivíduo enquanto sujeito de uma sexualidade, ou seja, saberes e poderes que buscam normalizar, controlar e estabelecer ‘verdades’ acerca do sujeito na relação com seu corpo e seus prazeres”

O feminismo representa um movimento social e político voltado para a conquista da igualdade de direitos entre homens e mulheres, combatendo a discriminação de gênero e o patriarcado. Seu objetivo é desconstruir estereótipos e papéis sociais atribuídos aos gêneros, promovendo a autonomia das mulheres sobre seus corpos e vidas. Engloba diversas correntes teóricas, como o feminismo liberal, radical, socialista, interseccional, queer, entre outras, cada uma com suas particularidades e perspectivas. Reconhece a diversidade de experiências das mulheres e suas interseccionalidades, lutando contra opressões como racismo, homofobia e transfobia.

Os conceitos de gênero, sexualidade e feminismo estão intrinsecamente conectados, uma vez que o feminismo desafia as normas sociais que perpetuam a desigualdade de gênero e sexual. Uma compreensão abrangente da diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais é fundamental para um feminismo interseccional que inclua as experiências de todas



IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV ENLIC SUL - IV Seminário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

II RP SUL - Seminário do Programa de Residência Pedagógica

as mulheres e grupos marginalizados. Dessa forma, o feminismo busca promover uma sociedade mais equitativa e justa, na qual todas as pessoas possam expressar livremente sua identidade de gênero e sexualidade sem temer discriminação ou violência.

É fundamental reconhecer a importância de abordar temas como sexualidade, gênero e feminismo nas escolas, pois isso contribui significativamente para uma educação mais inclusiva e informada. Ao discutir esses assuntos, as instituições educacionais não apenas promovem o respeito à diversidade, mas também capacitam os alunos a compreenderem melhor suas identidades, a respeitarem as diferenças e a se posicionarem de maneira crítica diante das desigualdades sociais. Essa abordagem não só prepara os jovens para enfrentar questões contemporâneas complexas, mas também fortalece o ambiente escolar como um espaço seguro e acolhedor para todos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação escolar desempenha um papel fundamental na formação cidadã dos estudantes, promovendo não apenas a transmissão de conhecimento, mas também o desenvolvimento de habilidades críticas e sociais (FREIRE, 1996). No contexto da educação básica, a escola é um espaço privilegiado para o debate e a construção de valores, especialmente no que se refere à inclusão e ao respeito à diversidade. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os temas transversais, como gênero, sexualidade e diversidade cultural, devem ser abordados no ambiente escolar para a formação integral dos estudantes (BRASIL, 2018).

A educação para a diversidade e a igualdade de gênero tem sido um desafio enfrentado por docentes em diversos contextos escolares. Estudos como os de Louro (2003) destacam que a escola reproduz, muitas vezes, padrões sociais que reforçam desigualdades históricas. No entanto, através de uma prática pedagógica reflexiva e fundamentada, é possível transformar o ambiente escolar em um espaço mais inclusivo. Nesse sentido, iniciativas que envolvem debates, rodas de conversa e parcerias com instituições de saúde podem auxiliar no desenvolvimento de um ensino mais dinâmico e conectado à realidade dos alunos (SCOTT, 1995).

A BNCC e o Referencial Curricular Gaúcho reforçam a necessidade de inserção de temas como sexualidade, identidade de gênero e direitos humanos no currículo escolar, permitindo que os alunos desenvolvam uma visão crítica e ampliada sobre tais questões



(BRASIL, 2018; RIO GRANDE DO SUL, 2019). No entanto, a efetividade dessa abordagem depende diretamente do engajamento dos professores e da forma como esses temas são trabalhados em sala de aula.

A formação docente também desempenha um papel crucial na implementação dessas temáticas na educação básica. Segundo Tardif (2002), a prática pedagógica está diretamente relacionada às experiências e à trajetória de formação do professor, o que impacta a maneira como ele conduz os conteúdos em sala de aula. No caso da docente entrevistada, sua experiência e qualificação refletem um compromisso com a educação inclusiva, apesar das resistências encontradas dentro do ambiente escolar.

A resistência por parte da comunidade escolar, incluindo pais e gestores, em relação ao ensino de temas ligados à sexualidade e ao gênero, reflete tensões sociais mais amplas. Segundo Foucault (1976), o discurso sobre a sexualidade é historicamente regulado por estruturas de poder que influenciam as práticas pedagógicas. Dessa forma, discutir esses temas no contexto escolar é um ato de resistência e emancipação, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão mais ampla de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Por fim, a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo exige um esforço conjunto entre docentes, gestores e alunos. A implementação de estratégias pedagógicas inovadoras, como o uso de filmes, debates e dinâmicas participativas, pode contribuir significativamente para o fortalecimento de uma educação pautada na equidade e no respeito à diversidade (HOOKS, 2013).

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado no segundo semestre de 2024 como parte da disciplina de Prática enquanto Componente Curricular IV, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal Farroupilha-Campus São Vicente do Sul. A pesquisa foi orientada pela professora Eliziane da Silva Dávila do IFFar - São Vicente do Sul.

Foi escolhida uma turma de oitavo ano de uma escola pública do município de Cacequi, Rio Grande do Sul, Brasil, para desenvolver uma oficina a respeito das questões de gênero e de sexualidade.



No início da oficina foi explicado brevemente o trabalho a ser desenvolvido com eles, destacando os principais tópicos, como sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero.

A oficina iniciou com uma dinâmica de "quebra-gelo" para estimular a participação de todos. Na atividade, foi colocada sobre uma mesa cartões com palavras-chave, como: respeito, gênero, cultura, rosa e azul, assexualidade, preconceito, entre outras. Um urso de pelúcia foi utilizado como "objeto da palavra" e, ao pegá-lo, cada aluno escolheu um cartão e falou sobre a palavra selecionada, expressando seus conhecimentos, impressões ou experiências pessoais relacionados ao tema. Nosso objetivo era criar um espaço seguro e aberto realizando um breve questionário para que todos possam participar e se sentir confortáveis em compartilhar suas percepções.

Após analisar as respostas da turma nesta atividade, através de slides foram explicados alguns conceitos-chave, como construções sociais e culturais, identidade de gênero e orientação sexual, detalhando a distinção entre gênero que refere-se às construções sociais e culturais sobre masculinidade e feminilidade, e sexualidade que está relacionada à orientação sexual e às atrações afetivas e sexuais.

Além disso, foram abordados como esses conceitos são muitas vezes mal compreendidos e confundidos em nossa sociedade, o que gera uma série de mitos e estereótipos prejudiciais, como no mercado de trabalho, discriminação em processos seletivos; relações interpessoais, pressões sociais para se encaixar em determinados padrões de comportamento, dificuldade em expressar sentimentos e emoções, como por exemplo as mulheres podem ser vistas como menos comprometidas devido à maternidade, enquanto os homens são favorecidos para posições de liderança, com base em estereótipos de exclusão natural.

Nas relações interpessoais, a pressão social para se enquadrar em padrões de comportamento tradicionais associados a cada gênero pode limitar a expressão individual e gerar dificuldades emocionais. Homens são desencorajados a expressar vulnerabilidade, sendo vistos como fracos, e mulheres são frequentemente desvalorizadas por serem consideradas "emocionalmente instáveis". Esses estereótipos reforçam barreiras na comunicação emocional e no respeito à diversidade de identidades e experiências. Durante todo o processo, buscou-se estimular a participação ativa dos alunos, promovendo um diálogo saudável e esclarecedor.



Após essas discussões, foi proposto aos alunos para expressarem suas percepções e sentimentos sobre os temas abordados por meio da arte. Eles foram organizados em grupos de aproximadamente quatro alunos. Foram disponibilizados materiais para auxiliar na ilustração de suas compreensões e emoções em desenhos no papel, representando suas interpretações dos assuntos discutidos, como cenas, símbolos ou metáforas que refletem suas opiniões e sentimentos, dessa forma conseguiremos fazer um comparativo de suas percepções sobre os assuntos abordados antes da aula e após a aula

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados da intervenção pedagógica "Discutindo Gênero e Sexualidade: um Diálogo Aberto", foi possível observar a manifestação de diferentes níveis de conhecimento e compreensão dos alunos sobre os temas abordados. Durante a dinâmica inicial, que visava avaliar o conhecimento prévio, constatou-se que muitos estudantes tinham pouco ou nenhum entendimento sobre conceitos como feminismo, gênero e bissexualidade. A atividade, que envolvia o uso de ursos de pelúcia e cartas com palavras relacionadas aos temas, revelou que esses termos eram amplamente desconhecidos, destacando a importância de introduzir tais questões nas escolas de forma estruturada.

Além disso, ao longo das discussões, foram identificadas manifestações de preconceitos e estereótipos, principalmente relacionados às normas de gênero. Algumas falas, como "mulher só serve para lavar, passar e cozinhar" e "meninos podem usar o que quiserem, exceto legging", refletiram estereótipos naturalizados em nossa sociedade. Essas falas, no entanto, também geraram debates e discussões que permitiram aos alunos refletir criticamente sobre essas questões, evidenciando o potencial da intervenção em abrir espaços para a reflexão e desconstrução de preconceitos.

Com o desenvolvimento das atividades, foi possível observar o início de uma reflexão mais crítica por parte dos alunos sobre o conceito de gênero e as normas sociais que o regulam. A discussão sobre as identidades de gênero, como cisgênero, transgênero, gênero fluido, agênero e gênero não binário, despertou grande curiosidade e interesse. A introdução de conceitos de orientação sexual, como pansexualidade, bissexualidade e assexualidade, também gerou questionamentos, refletindo a necessidade de maior clareza sobre essas temáticas.



As atividades pedagógicas, como o jogo de perguntas e respostas e a produção de cartazes, permitiram que os estudantes consolidassem seus aprendizados de maneira criativa e colaborativa. A maioria dos alunos demonstrou boa compreensão dos conceitos discutidos, com respostas que indicavam que haviam absorvido os conteúdos de forma eficaz. O feedback obtido ao final da intervenção foi extremamente positivo, destacando o engajamento dos alunos e a absorção dos temas de maneira inclusiva e respeitosa.

A discussão sobre esses resultados se alinha com as teorias de Judith Butler (1990), que afirma que o gênero é uma construção social performativa, ou seja, um conceito que é constantemente produzido e reproduzido através de práticas e discursos. Essa teoria foi crucial para a intervenção, pois permitiu que os alunos compreendessem como as normas de gênero não são naturais, mas socialmente construídas e passíveis de questionamento. As ideias de Michel Foucault (1976), que apontam para a regulação histórica da sexualidade por mecanismos de poder, também foram fundamentais para compreender como as concepções tradicionais sobre identidade sexual influenciam as atitudes e comportamentos dos estudantes.

Esses achados corroboram a análise de Araújo (2018), que destaca a importância de abordar temas como gênero e sexualidade nas escolas para combater a violência e os preconceitos, especialmente contra as pessoas LGBTQIAPN+. A intervenção pedagógica mostrou-se alinhada com a proposta de promover um ambiente seguro e acolhedor, no qual os alunos pudessem questionar estereótipos e normas sociais. Apesar de alguns preconceitos e dúvidas iniciais, os estudantes demonstraram ser receptivos a uma discussão mais profunda sobre essas questões, refletindo sobre a diversidade e a necessidade de respeitar as diferenças.

Em síntese, a intervenção evidenciou que, apesar das resistências iniciais e da falta de conhecimento prévio, os alunos são capazes de refletir criticamente sobre gênero e sexualidade quando proporcionados com um ambiente seguro e informativo. Isso reforça a necessidade urgente de integrar esses temas nos currículos escolares, a fim de promover uma convivência mais inclusiva, respeitosa e livre de preconceitos, de modo que as futuras gerações possam contribuir para uma sociedade mais igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta experiência, podemos constatar quão vastas essas temáticas podem ser. Ao mesmo tempo, reconhecemos a importância de trabalhar esses assuntos nas escolas, mesmo que, à primeira vista, pareça muito difícil abordá-los com os jovens. As instituições



educacionais desempenham um papel crucial na construção do conhecimento e na formação de valores e atitudes dos estudantes.

No entanto, trabalhar com essas questões no ambiente escolar apresenta desafios significativos. A complexidade e a sensibilidade de muitos desses temas exigem abordagens cuidadosas e bem planejadas. Educadores precisam estar preparados para lidar com a diversidade de opiniões e experiências dos alunos, além de criar um espaço seguro onde todos se sintam confortáveis para expressar seus pensamentos e sentimentos.

Apesar desses desafios, incorporar discussões sobre essas questões é fundamental para a promoção de um espaço de aprendizagem inclusivo e crítico. Esse ambiente é essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, pois estimula a reflexão, o respeito mútuo e a capacidade de dialogar sobre assuntos relevantes e, muitas vezes, controversos.

A inclusão de temas de gênero, sexualidade e feminismo no ambiente escolar não se restringe apenas ao conteúdo curricular, mas também se reflete na criação de políticas e práticas escolares que promovam a inclusão e o respeito à diversidade. Isso inclui a implementação de programas de combate ao bullying e à discriminação, a formação continuada de professores e a adoção de materiais didáticos que reflitam a diversidade de experiências e identidades.

Portanto, tratar desses assuntos nas escolas é um imperativo educativo e ético. Ao proporcionar uma educação que valorize e respeite a diversidade, as escolas contribuem para a formação de indivíduos mais empáticos, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A educação em gênero, sexualidade e feminismo, ao desafiar normas e estereótipos, capacita os estudantes a serem agentes de mudança, promovendo uma cultura de respeito, inclusão e equidade.

Acreditamos que essa intervenção proporcionará aos alunos uma nova perspectiva sobre a temática, além de despertar neles o senso crítico e criativo por meio da expressão de seus sentimentos e relações em forma de arte. Essa abordagem não apenas enriquece o entendimento dos estudantes, mas também promove a reflexão crítica e a criatividade, elementos essenciais para a formação integral.

Como acadêmicos responsáveis pela realização dessa atividade, reconhecemos que pode haver certo receio por parte dos alunos. Esse receio pode surgir devido a conflitos entre



os aprendizados prévios, muitas vezes adquiridos em casa, e os novos conceitos introduzidos pela temática abordada. Ao promover essa discussão, buscamos também aprender com os alunos, ouvindo suas perspectivas e valorizando suas emoções por meio da expressão artística e do diálogo.

Além disso, consideramos diversas possibilidades para enriquecer essa intervenção. Uma delas é a utilização de diferentes formas de arte, como pintura e escrita criativa, para permitir que os alunos escolham a forma de expressão que mais ressoe com suas experiências pessoais.

Por fim, a integração de feedback contínuo durante todo o processo permitirá ajustar as atividades de acordo com as necessidades e reações dos alunos, garantindo uma abordagem inclusiva e respeitosa. Assim, esperamos criar um ambiente de aprendizado colaborativo e transformador, que valorize a expressão individual e promova um entendimento mais profundo e crítico da temática abordada.

Nesta intervenção, ficou evidente o quanto nossas crianças e jovens necessitam de informações relacionadas a gênero e sexualidade. Estando em uma fase de descobertas, reconhecimento e transformações, tanto corporais quanto mentais, há uma necessidade urgente de abordar esses temas no contexto escolar para desmistificar preconceitos e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva.

Do ponto de vista profissional, este trabalho teve uma relevância inestimável para nossa formação docente. Ele proporcionou um momento rico em experiências e aprendizado, especialmente por ter sido realizado em um ambiente marcado por conflitos e desafios, dada a delicadeza do tema. Trabalhar com gênero e sexualidade impactou significativamente nossa formação como professores, ao nos levar a refletir sobre nosso papel como educadores em uma sociedade repleta de desigualdades e preconceitos. Essa vivência ampliou nossas percepções sobre a importância de tratar essas questões de maneira intencional, sensível e crítica no ambiente escolar, evidenciando como a abordagem pedagógica pode transformar valores e atitudes dos estudantes, promovendo maior empatia e respeito à diversidade.

Em relação às temáticas do ano, essa experiência trouxe uma mudança significativa em nossa perspectiva. Antes, já reconhecíamos a relevância desses debates, mas a prática pedagógica e a interação direta com os alunos nos mostraram o quão profundamente essas questões estão enraizadas no cotidiano escolar, muitas vezes de forma silenciosa. Essa prática



nos ensinou que trabalhar com gênero e sexualidade vai além da simples transmissão de conhecimentos; trata-se de criar espaços acolhedores, onde os alunos se sintam seguros para dialogar, compartilhar vivências e questionar estereótipos de maneira crítica e construtiva.

Ao final deste trabalho, ficou claro que a escola tem um papel fundamental na desconstrução de preconceitos e na construção de uma cultura de respeito e valorização da diversidade. Observamos que muitos estudantes carregam contradições em seus discursos, reflexo das influências sociais e culturais que reforçam normas de gênero rígidas e discriminatórias. Entretanto, ao abordar essas questões com sensibilidade e abertura, conseguimos incentivar reflexões, desafiar imposições sociais e estimular a construção de valores mais igualitários.

Por fim, este trabalho evidenciou que a formação docente precisa incluir o preparo para lidar com temas desafiadores como gênero e sexualidade, capacitando os educadores a agir de forma ética, responsável e transformadora. Somente assim será possível contribuir para uma educação que não apenas informe, mas também transforme realidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL . Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC. Versão entregue ao CNE em 03 de abril de 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 09 jul. 2024.

MADUREIRA, Ana Flávia; BRANCO, Ângela. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**. v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

MOREIRA, Antonio Flavio; SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs). Currículo, Cultura e Sociedade. 8ª ed. São Paulo: Cortez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/57732/35147>. Acesso em: 14 jul. 2024

DINIS, Nílson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200009> Acesso em: 14 jul. 2024.

Foucault, Michael. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1976.



ARAÚJO, Denise Bastos de; CRUZ, Izaura Santiago da; DANTAS, Maria da Conceição Carvalho. **Gênero e sexualidade na escola**. 2018.

MENEZES, Meiryelle Paixão. A discriminação de gênero na escola. **Revista Fórum Identidades**, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma Perspectiva pós estruturalista** 3ª ed. 1997.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; DE SOUSA, Francisca Genifer Andrade. Feminismo e machismo na escola: desafios para a educação contemporânea. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 1, p. 51-58, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.